



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A importância da Educação para o desenvolvimento humano na Filosofia de Kant

Por: Silvério Becker⁷

Resumo

O texto expõe o modo como o desenvolvimento humano é apresentado na filosofia de Kant. Para tanto ele relaciona as ideias apresentadas em *Ideia de Uma História Universal de Um Ponto de Vista Cosmopolita* com outras obras de Kant, por exemplo *Sobre a Pedagogia*, para mostrar a importância que Kant atribuía à educação no processo de desenvolvimento do ser humano, que ele acreditava que vem ocorrendo na espécie no decorrer da história.

Palavras-chave: Humanização; Potencialidades humanas; Razão na história.

Abstrakta

La teksto elmontras la vojon, en kiu homa disvolviĝo estas prezentita en la filozofio de Kant. Por fari tion li rilatas la ideojn prezentitajn en Ideo pri Universala Historio de Kosmopolita Vidpunkto kun aliaj verkoj de Kant, ekzemple pri Pedagogio, por montri la gravecon, kiun Kant atribuis al la edukado en la procezo de evoluo de la homo, ke li kredis, ke ĝi okazis en la specio laŭlonge de la historio.

Ŝlosilvortoj: Humanigo; Homaj potencoj; Kialo en la historio.

Abstract

The text exposes the way that human development is presented in Kant's philosophy. In order to do so, it relates the ideas presented in Idea for a Universal History from a Cosmopolitan Point of View with other works of Kant as On Pedagogy, to show the importance that Kant attributed to the education in the process of the development of the human being, that he has been occurring in the humans throughout history.

Keywords: Humanization; Human potentialities; Reason in history.

⁷ Doutor em filosofia.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

.INTRODUÇÃO

Poucos anos antes de sua morte, Immanuel Kant (1724-1804), publicou *À Paz Perpétua* [1795] obra que, juntamente com *Ideia de Uma História Universal de Um ponto de Vista Cosmopolita* [1784], publicada cerca de uma década antes, constitui-se num dos marcos do início da filosofia da história alemã⁸. Nesses textos, ele apresentou o homem como um projeto da natureza em pleno desenvolvimento. Apresentou o Estado como uma construção necessária ao desenvolvimento humano, isto é, ao desenvolvimento de todas as potencialidades que a natureza depositou no homem em germe, e apontou, ainda, a necessidade de uma união dos povos em diferentes Estados e a necessidade de um contrato político entre esses Estados, que, segundo ele, levaria a um estado de paz onde o desenvolvimento humano poderia, então, completar-se. Ambos os textos baseiam-se na ideia de que a razão está no centro do mundo e encaminha a história com vistas a um propósito predefinido: a formação do ser humano. Conforme Kant, a conquista desse estado de paz é uma tarefa humana, o que promoveria, pelo exercício, o desenvolvimento das potencialidades naturais do homem, culminando no desenvolvimento de sua autonomia ou liberdade, que seria o objetivo final de toda a Criação. Trata-se de uma ideia que nos fornece subsídios, não apenas para pensarmos acerca da razão de nossa existência e o estado moral atual da humanidade, mas também para pensarmos sobre a história, o futuro, e a

⁸ “É a Kant e não a Hegel, que remonta a oposição entre *Historie*, disciplina do entendimento, e a *Weltgeschichte*, discurso sobre o sentido necessário da história” (LEBRUN, 1986, p. 75. grifos do autor). LEBRUN, Gerald. *Uma Escatologia Para a Moral*. In: ***Idéia de Uma História Universal de Um Ponto de Vista Cosmopolita***. Trad. Rodrigo Naves e Ricardo R. Terra. Brasiliense: São Paulo, 1986. p. 75-101



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

responsabilidade humana na formação e na educação de sua própria espécie.

As obras supracitadas Kant defende que existem coisas que a natureza tem *coagido* o homem a realizar ao longo de sua história. Neles, Kant apresenta a ideia de que o fim próximo da humanidade é alcançar uma constituição política perfeita e tenta demonstrar o quanto a natureza tem forçado o homem a engendrar tal constituição política. O filósofo procurou demonstrar, também, a partir de um ponto de vista histórico-filosófico, o quanto a humanidade aproximou-se ou afastou-se desse fim durante sua história e apresentou, ainda, a relação – que ele considerava necessária – entre moral e política a partir do conceito de *direito*, tomando este como direito natural, internacional e cosmopolita.

Também nas obras acima referidas, Kant assegurou que, no curso mecânico da natureza, evidencia-se a existência de um *autor* do mundo, ou seja, uma *Providência* que o projetou e definiu antecipadamente. A *Providência* teria criado a natureza da qual o homem faz parte, com uma finalidade específica. Todavia, Kant entendia que os planos do Criador para com o homem não são possíveis de serem conhecidos por este, devido às limitações da capacidade humana de conhecimento. Porém a existência de um fio condutor racional na história é, para o filósofo, evidente. Tal racionalidade, disse ele, conduz o homem, como espécie, forçando-o a desenvolver-se.

UM FIO CONDUTOR RACIONAL NA HISTÓRIA

Kant acreditava que toda a natureza existe em função do homem e tem como finalidade transformar a espécie humana, em princípio apenas mais uma dentre tantas espécies animais (embora dotado de faculdades especiais), em seres autônomos na



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

medida em que suas capacidades lhe permitem. Em outras palavras, a natureza foi planejada para desenvolver as capacidades naturais existentes no ser humano. Kant defendia que o objetivo da natureza, por intermédio de seus mecanismos, é o desenvolvimento de um ser racional voluntário, que tenha desenvolvido em si a moralidade na medida de suas potencialidades, ou seja, seu desígnio é o desenvolvimento das potencialidades humanas até sua plenitude. Esse seria o processo de criação de um ser que, por sua própria escolha, não se sujeite aos desejos de sua sensibilidade e opte pela ação constante em conformidade com a razão ou com a lei de conduta que dela emana, buscando sempre o cumprimento de seu dever conforme revelado pela razão e adquira, assim, por sua própria ação, uma espécie de segunda natureza: a autonomia.

De acordo com a teoria kantiana, dentre as condições necessárias ao desenvolvimento dos potenciais humanos, encontra-se a necessidade de oportunidades de uso de sua autonomia a fim de que ela exista objetivamente e desenvolva-se plenamente. Desse modo, o homem não apenas tem parte efetiva em sua formação como espécie, como também tem a capacidade – e a necessidade – de forjar por si mesmo as *ferramentas* necessárias para sua formação ou desenvolvimento.

Para Kant, o homem tem, assim como todas as espécies de animais, características específicas que o diferenciam das demais. A principal delas é a razão. Mas, é preciso considerar que, como observou Lebrum (1986), um ser dotado de razão é diferente de um ser que, efetivamente, faz uso da razão. Na perspectiva kantiana, o homem é um ser racional apenas em potência, isto é, agir racionalmente é sua vocação, não a sua natureza.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

No entendimento de Kant, o homem tem sido *forçado* por sua própria natureza a desenvolver os germes que ela nele depositou; se assim não fosse, ele, devido a sua tendência à indolência, permaneceria em seu estado selvagem primitivo. Nessa perspectiva, a natureza tem por função desenvolver, ou mais especificamente, fazer com que o homem desenvolva, em si mesmo, todas as características humanas que ela nele depositou em germe. Assim, é sua função forçar o homem a abandonar seu estado selvagem, ainda que contra a sua vontade e levá-lo a desenvolver suas potencialidades, tornando-se esclarecido e, por fim, moralmente bom ou virtuoso. Para Kant, “a natureza quis que o homem tirasse inteiramente de si tudo o que ultrapassa a ordenação mecânica de sua existência animal e não participasse de nenhuma felicidade ou perfeição, senão daquela que ele proporciona a si mesmo, livre do instinto, por meio da própria razão” (KANT, 1986, p. 12 [IaG 8:389-390])⁹. Nessa ótica, naquilo que a natureza faz nada é supérfluo, e quando dotou o homem de razão e vontade livre ela deu indícios claros de que seu propósito era que ele não fosse guiado pelo instinto nem provido e ensinado por conhecimento inato. Desse modo,

[...] a obtenção dos meios de subsistência, de suas vestimentas, a conquista da segurança externa e da defesa (razão pela qual a natureza não lhe deu os chifres do touro, nem as garras do leão, nem os dentes do cachorro, mas somente as mãos), todos os prazeres que podem tornar a vida agradável, mesmo sua perspicácia e prudência e até a bondade de sua vontade, tiveram de ser inteiramente sua própria obra (KANT, 1986, p. 12 [IaG 8:390]).

É numa perspectiva similar que Kant considerava também a educação, meio

⁹ IaG: Ideia de uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita. (*Idee zu einer allgemeinen Geschichte in weltbürgerlicher Absicht*). As citações de obras de Kant contém, além da indicação da página das traduções utilizadas, uma referência às obras de Kant na Edição da Academia (*Kants Werke. Akademie Textausgabe*. Walter de Gruyter & Co: Berlin, 1968 : abreviatura do título da obra, volume, página).

**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

pelo qual o homem transmite aos seus descendentes seus conhecimentos e conquistas, que ele entendia ser uma arte e um meio de fomentar o desenvolvimento humano. O filósofo via na economia de dotes animais da natureza para com o homem, uma preocupação maior daquela para com a autoestima racional do ser humano ou com sua dignidade, do que para com o seu bem estar. Essa também é uma das razões, apontadas por ele, pelas quais a natureza não quis que o homem vivesse em um estado natural de paz, no qual ele, certamente, seria feliz. Devendo extrair tudo de si mesmo, o homem, quando tenha se elevado de seu estado rudimentar à máxima destreza e à perfeição interna de seu modo de pensar e tenha alcançado toda a felicidade possível na terra, terá o mérito exclusivo por essa conquista, será grato somente a si mesmo e terá desenvolvido, pelo exercício, sua autonomia e suas demais potencialidades. Sua autoestima estará, então, o mais elevada possível, gerando ainda mais felicidade.

Segundo Kant, a educação tem, nesse processo, um papel preponderante, pois, em sua perspectiva, a perfeição humana só é possível como resultado de um processo educativo - no qual o homem educa-se, *forçado* a isso pela natureza - que pode ser aperfeiçoado pelo desenvolvimento de projetos educacionais que fomentem o desenvolvimento de todos os germes que a natureza depositou nele. Nessa ótica, cada geração tem uma responsabilidade para com as subseqüentes: repassar-lhes uma cultura que facilite mais o seu desenvolvimento.

A EDUCAÇÃO COMO MEIO DE DESENVOLVIMENTO DAS POTENCIALIDADES HUMANAS



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Em seu sistema filosófico, Kant defendeu que como a razão não atua apenas de modo instintivo, ela precisa de tentativas, de exercícios e ensinamentos para que possa progredir pouco a pouco de um grau de inteligência (*Einsicht*) a outro. Esse entendimento levou Kant a acreditar que as disposições naturais humanas voltadas para o uso da razão só podem desenvolver-se completamente na espécie e não no indivíduo, pois, segundo ele, o homem precisaria ter uma vida muito longa para que pudesse aprender a fazer uso de todas as suas disposições naturais. Como a natureza concedeu ao homem um curto tempo de vida, ela precisa de muitas gerações que transmitam seus conhecimentos umas as outras a fim de conduzir, na espécie, os germes naturais ao grau de desenvolvimento adequado ao seu propósito. Kant entendia que essa condição, o momento do pleno desenvolvimento das potencialidades humanas, deve ser, ao menos na ideia dos homens, o objetivo dos seus esforços, pois, doutro modo, as disposições naturais deveriam ser vistas como inúteis e sem finalidades e todos os princípios práticos deveriam ser abolidos.

Em sua filosofia Kant salientou que civilização não é sinônimo de correção moral. Ainda que no caminho da correção moral do homem como espécie, a civilização seja indispensável, mesmo para pessoas *impregnadas* de boas maneiras e decoros sociais, a ação moral correta pode estar ainda muito distante. Ele defendia que isso só ocorrerá quando os Estados empregarem, continuamente, suas forças na formação interior do modo de pensar de seus cidadãos, o que, segundo ele, é um trabalho longo, que necessita do esforço de muitas gerações. Por isso, em sua teoria educacional, a educação moral dos governantes é apresentada como algo muito importante, pois é o único modo de fazer com que eles encarem a si mesmos e a todas as pessoas num sentido cosmopolita, como membros da humanidade, cada qual com a mesma

**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

importância.

Kant acredita que só a educação pode tornar o homem um verdadeiro homem, pois que o homem “é aquilo que a educação faz dele” (KANT, 2006, p. 15 [*Päd* 9:443]¹⁰). De acordo com essa perspectiva, o homem vem passando por um processo educacional, ao longo da história, o que o habilitou ao desenvolvimento de cultura que, por sua vez, sempre mais vai favorecendo o desenvolvimento das gerações posteriores. Sem esse processo, o homem não seria nada mais que um animal e as características propriamente humanas que já desenvolveu não teriam, de modo algum, se manifestado.

Entendendo que “a espécie humana é obrigada a extrair de si mesma pouco a pouco, com suas próprias forças, todas as qualidades naturais que pertencem à humanidade” (KANT, 2006, p. 12 [*Päd* 9:441]), Kant defendeu que a educação proposital é, por excelência, o meio de formação humana, pois, fomentando o desenvolvimento de certas qualidades, pode levar ao desenvolvimento de todos os germes de humanidade presentes na natureza da espécie. Com esse entendimento, ele cogitava a possibilidade de que a educação torne-se sempre melhor e que cada geração sobrepuje as gerações passadas, aproximando-se sempre mais da perfeição da humanidade, pois “o segredo da perfeição da natureza humana se esconde no próprio problema da educação (KANT, 2006, p. 16 [*Päd* 9:444]).

A EDUCAÇÃO, UMA TAREFA ÁRDUA E POUCO CONHECIDA

¹⁰ *Päd*: Sobre a Pedagogia (Pädagogik).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Apesar de seu otimismo acerca do futuro da humanidade, Immanuel Kant acreditava que sua época apenas começava a entender o que pertence, propriamente, a uma boa educação e que a educação “é o mais árduo problema que pode ser proposto ao homem” (KANT, 2006, p. 20 [Päd 9:446]). Mesmo assim, ele se animava com a ideia de conhecer o segredo da perfeição humana:

[...] é entusiasmante pensar que a natureza humana será sempre melhor desenvolvida e aprimorada pela educação, e que é possível chegar a dar àquela a forma a qual em verdade convém à humanidade. Isto abre a perspectiva de uma futura felicidade da espécie humana (KANT, 2006, p. 16-17 [Päd 9:444]).

Vislumbrando a grandeza do projeto de uma teoria da educação com vistas ao desenvolvimento de todas as potencialidades humanas, Kant aceitava o fato de que esse não pudesse ser ainda desenvolvido em sua época. Por entender que se trata da maior e mais árdua tarefa do homem, pois que é o projeto de sua auto realização, e por ser um projeto que só pode ser desenvolvido pelo homem como espécie ao longo de sua história, e considerando que o conceito de *educação* apenas em sua época começava a tornar-se claro; e considerando também os muitos obstáculos que se colocam à efetivação de um projeto assim, Kant defendia que tal projeto não é passível de ser realizado em curto prazo. Entretanto, o entusiasmo de Kant devia-se ao fato de que ele antevia a realização de uma ideia que, em seu entender, não é uma fantasia ou uma quimera, mas uma possibilidade real e necessária na história humana: “a ideia de uma educação que desenvolva no homem todas as suas disposições naturais é verdadeira absolutamente” (KANT, 2006, p. 17 [Päd 9:445]). Mesmo entendendo que esse projeto não era algo realizável em sua época, ele insistia que se deveria “trabalhar num esboço de uma educação mais conveniente e deixar indicações aos pósteros os



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

quais poderão pô-las em prática pouco a pouco” (KANT, 2006, p. 18 [Päd 9:445]), trabalhando de modo conveniente ao desenvolvimento dos germes que a natureza depôs no homem, com vistas aos fins éticos e políticos apontados em sua filosofia.

Como já foi dito, Kant apontou a educação dos governantes como um ponto de suma importância para um projeto dessa magnitude, pois acreditando que o homem é aquilo que educação faz dele, o filósofo defendia que se os governantes forem educados corretamente, eles se preocuparão mais com o bem do mundo do que com o seu próprio, ou com o bem do seu próprio Estado. Assim, o auxílio financeiro à educação também não estaria restrito aos planos que melhor conviessem aos desejos daqueles que governam, mas o planejamento dos gastos seria colocado sob a responsabilidade de pessoas com entendimento apurado no assunto. Desse modo, a cultura do espírito e do conhecimento humano poderia ser fomentada de forma mais eficaz. Isso não significa que Kant acreditasse que estas coisas – conhecimento e cultura do espírito – consigam-se pelo poder e pelo dinheiro, mas entendia que elas podem ser por eles facilitadas.

Contudo, Kant considerava que o empreendimento educacional que ele visava é um empreendimento que depende mais dos esforços de cada pessoa em particular do que da ajuda dos governos, já que estes, na maioria das vezes, colocam seus interesses particulares em primeiro lugar. Porém não se pode negar que o melhoramento do estado social depende, também, dos governantes, o que exige um aprimoramento na educação dos mesmos, pois “não se deve esperar que algum bem venha do alto a não ser que lá a educação seja primorosa” (KANT, 2006, p. 24 [Päd 9:448]). Nessa direção,

[...] a direção das escolas deveria, portanto, depender da decisão de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

peças competentes e ilustradas. Toda cultura começa pelas pessoas privadas e depois, a partir delas, se difunde. A natureza humana pode aproximar-se pouco a pouco do seu fim apenas através dos esforços das pessoas dotadas de generosas inclinações, as quais se interessam pelo bem da sociedade e estão aptas para conceber como possível um estado de coisas melhor no futuro. (KANT, 2006, p. 24-25 [*Päd* 9:449]).

De acordo com a teoria educacional de Kant, a educação dos governantes é fundamental para a educação como um todo, já que deles depende, em grande parte, a manutenção e melhoramento do sistema educacional público. Qualquer projeto de educação em grande escala depende, em boa medida, da postura dos governantes frente a essa questão. Nessa direção, a educação dos governantes deve procurar evitar aquilo que muitas vezes acontece: os governantes consideram Estado, e até mesmo o povo, como uma espécie de propriedade sua e, quando desejam que as pessoas tenham um aumento de suas habilidades, na maioria das vezes, têm a finalidade única de aproveitar-se de tais habilidades para seus próprios desígnios. Kant atribuía esse tipo de postura à educação que as pessoas recebem, atribuindo, como faziam também outros filósofos *modernos*, à educação a responsabilidade na mudança no modo de pensar e, por conseguinte, de agir de todos os homens.

Em *Sobre a Pedagogia* [1803], Kant apontou a educação como a questão de maior relevância na formação humana. No texto, fica clara a importância que ele atribuía à educação, revelando que o problema da formação humana perpassa, de algum modo, toda sua filosofia. Nesses escritos sobre a pedagogia, percebem-se, mais uma vez, as convicções e esperanças que Kant nutria acerca do ser humano e que já apresentara em sua teoria acerca da história. A ideia central do texto é que a educação é a única forma de tornar o homem verdadeiramente humano, pois o homem “é aquilo



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

que a educação faz dele” (KANT, 2006, p. 15 [*Päd* 9:443]). Nessa perspectiva, se o homem não tivesse já sofrido um processo educacional ao longo da história, o que o habilitou para a construção de cultura, ele não seria nada mais que um animal e as características propriamente humanas que desenvolveu não teriam se manifestado. Por outro lado, se a educação a que o homem, como espécie, foi submetido durante a história tivesse sido diferente do que efetivamente foi, o homem seria, na mesma proporção, diferente daquilo que ele é.

Para Kant, em seu processo de formação, “a espécie humana é obrigada a extrair de si mesma pouco a pouco, com suas próprias forças, todas as qualidades naturais que pertencem à humanidade” (KANT, 2006, p. 12 [*Päd* 9:441]). A ideia de *educação* surge quando o homem começa a perceber que pode, e deve, contribuir nesse processo; quando ele percebe que será melhor para seus filhos e até para si mesmo se ele ocupar-se, ou melhor, preocupar-se com essa questão e atentar para ela de forma racional. Dito de outro modo: o conceito de educação surge quando o homem percebe que pode fomentar o desenvolvimento de certas qualidades, ensinando, de modo proposital, algumas coisas aos seus descendentes; quando ele percebe que algumas coisas contribuem para o desenvolvimento de suas disposições naturais, enquanto que outras impedem esse avanço. É com essa perspectiva, acreditando que “o segredo da perfeição da natureza humana se esconde no próprio problema da educação” (KANT, 2006, p. 16 [*Päd* 9:444]) que Kant cogitava a possibilidade de que a educação torne-se sempre melhor e que cada geração sobrepuje as gerações anteriores, aproximando-se sempre mais da perfeição humana. Porém, ele percebeu que, em sua época, o conceito de *educação* ainda não estava claro. Enquanto a maioria das pessoas pensava que o homem, havia muito, sabia



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

perfeitamente o que é a educação, Kant acreditava que sua época apenas começava a vislumbrar o que pertence, propriamente, a uma educação adequada ao ser humano. Diferentemente de alguns pensadores que partiam da ideia de que a educação era uma questão, em grande parte, resolvida, ele, embora se mostrasse entusiasmado com a ideia de que a natureza humana pudesse desenvolver-se plenamente por intermédio da educação, ainda a via como o mais árduo problema que o homem tinha a resolver. Ele acreditava que um projeto educacional apropriado ao desenvolvimento das potencialidades humanas ainda estava por desenvolver-se.

Acreditando que sua época não era uma época esclarecida sobre esse assunto, mas uma época na qual o conceito de *educação* apenas começava a ficar claro, Kant entendia que tal projeto educacional não tinha, ainda, condições de ser desenvolvido em seu tempo. Como foi dito, o maior e mais árdua tarefa humana, o projeto de seu autodesenvolvimento, é um projeto que não podia, no entendimento kantiano, ser desenvolvido em curto prazo, mesmo porque, trata-se de um projeto que vai ao encontro de um projeto racional da natureza, cujo desenvolvimento se dá ao longo da história, não sendo possível ser desenvolvido em apenas uma geração, mas somente pelo homem como espécie; mesmo porque essa seria a finalidade de sua existência. Nessa ótica, o homem não é como os demais animais que cumprem seu destino espontaneamente e sem ter consciência disso, mas tem de buscar seu fim: “há muitos germes na humanidade e toca a nós desenvolver em proporção adequada as disposições naturais e desenvolver a humanidade a partir dos seus germes e fazer com que a humanidade atinja a sua perfeição” (KANT, 2006, p. 18 [Päd 9:445]). Mesmo acreditando que um projeto educacional aos moldes que propunha não era algo realizável em sua época, o filósofo propôs que se deveria, sim, “trabalhar num esboço



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de uma educação mais conveniente e deixar indicações aos pósteros os quais poderão pô-las em prática pouco a pouco” (KANT, 2006, p. 18 [*Päd* 9:445]).

.A EDUCAÇÃO É UMA ARTE

A ideia apresentada por Kant de que a educação só pode progredir lentamente está baseada na ideia de sua dependência do conhecimento. O conhecimento, por sua vez, depende de sua transmissão por meio da educação e, portanto, o próprio surgimento do conceito de educar deve-se ao conhecimento e às experiências que uma geração tem transmitido a outra ao longo da história. Entendendo que as disposições naturais do homem não se desenvolvem espontaneamente, Kant concebia a educação como sendo uma arte:

[...] a educação é uma arte, cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações. Cada geração, de posse dos conhecimentos das gerações precedentes, está sempre melhor aparelhada para exercer uma educação que desenvolva todas as disposições naturais na justa proporção e de conformidade com a finalidade daquelas, e, assim, guie toda a humana espécie ao seu destino. (KANT, 2006, p. 19 [*Päd* 9:446]).

Nessa perspectiva, o surgimento do conceito de *educação* já pressupõe a existência de larga cultura e experiências, e compreende-se porque um conceito que é fundamental para o desenvolvimento humano tenha surgido, de forma mais clara, tão tarde na história da humanidade e não esteja ainda plenamente compreendido, nem mesmo no século XVIII, conforme acreditava Kant.

Para o filósofo, *arte* é uma obra exclusivamente humana e “a rigor dever-se-ia chamar de arte somente a produção mediante liberdade, isto é, por um arbítrio que



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

põe a razão como fundamento de suas ações” (KANT, 2008b, p. 149 [KU 5:174])¹¹. Assim, “a arte distingue-se da natureza, como o fazer (*facere*) distingue-se do agir ou atuar em geral (*agere*) e o produto ou a consequência da primeira, enquanto obra (*opus*), distingue-se da última enquanto efeito (*effectus*)” (KANT, 2008b, p. 149 [KU 5:173]. Grifos do autor). Nessa perspectiva, o trabalho de alguns animais, como as abelhas e os castores, não podem ser denominados arte em sentido absoluto, mas apenas em analogia ao trabalho humano. Segundo Kant, o trabalho desses animais não se baseia em uma reflexão racional deles, mas é, tão somente, produto de seu instinto; por esse motivo, sua denominação própria é *natureza* e não *arte*, pois é um efeito da sua natureza. A arte, por sua vez, é sempre o resultado de uma intencionalidade; isto é, quando o homem tem em mente um fim quando se põe a fazer alguma coisa. Dizendo de outro modo: a arte surge quando o homem concebe alguma coisa e, no entanto, não sabe os passos que tem que seguir para sua efetivação; ele tem de criar uma metodologia para alcançar seu intento. Algumas vezes, o artista não dispõe sequer dos instrumentos de que necessita para executar sua obra; outras vezes, ele possui instrumentos que podem ser utilizados para realizar sua finalidade, mas que nunca foram utilizados para a execução dessa finalidade (a arte é sempre singular) e o artista tem de criar algo original. Nessa ótica, toda obra acerca da qual, mesmo sendo inteiramente conhecida, não se tem a habilidade de fazer, constitui-se uma arte. O artista não precisa saber, de antemão, o que suas ações efetivamente produzirão (se o efeito esperado ou outro diferente dele), mas deve sempre ter algo em mente em sua empreitada. Conforme Kant, a arte difere da ciência no mesmo sentido em que o poder diferencia-se do saber: a arte é como o poder, é a habilidade de fazer.

¹¹ KU: Crítica da Faculdade do Juízo (*Kritik der Urteilskraft*).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Segundo a concepção de Kant, a arte é sempre uma *obra prima*: no momento em que a técnica para a produção de algo é dominada, ou seja, quando o homem começa a entender e pode então descrever os procedimentos utilizados na execução de uma obra, ela perde o caráter de arte e passa a ser apenas um artefato, isso é, algo que pode ser reproduzido ou produzido repetidamente. Kant defendia também que o desenvolvimento de uma arte, por ser uma atividade livre, é agradável ao artista. Porém, embora não seja algo imposto, a arte sempre requer alguma coerção ou “um mecanismo, sem o qual o espírito que na arte tem de ser livre, e que, unicamente, vivifica a obra, não teria absolutamente nenhum corpo e volitizar-se-ia integralmente” (KANT, 2008b, p. 150 [KU 5:176]. Grifos do autor). Assim, por exemplo, a arte da poesia precisa de correção e linguagem rica, como também da prosódia e da métrica.

A partir desse conceito de arte, entende-se o motivo pelo qual um projeto educacional que desenvolva todos os germes que a natureza colocou no homem seja visto como uma arte e porque ele não pode ser realizado por uma única geração. A educação enquanto arte é algo que está sempre por fazer. Cada geração deve, portanto, fazer a sua parte, não basta repetir aquilo que as outras fizeram. A educação, encarada dessa forma, está sempre evoluindo e renovando-se: é sempre outra educação, é sempre singular, pois é uma arte. Um princípio educacional apontado por Kant, ao qual pais e pedagogos deveriam atentar, é a tarefa de tornar seus filhos ou seus educandos pessoas melhores do que eles próprios, tanto no sentido moral quanto no sentido físico, o que exige sempre uma educação diferente para cada geração. Um projeto de educação baseado na ideia de educação como uma *arte* não pode, portanto, ser um projeto definitivo, a não ser no que diz respeito a sua finalidade – a autonomia individual do homem. Esta, sim, deve estar sempre na mente dos *artistas*, porém a

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

execução da obra deve ser diferente a cada geração.

Kant defendia que, para formar o homem, a natureza utiliza, ou antes, obriga-o a utilizar suas potencialidades e forjar as ferramentas de sua própria construção, num processo em que transformando o mundo ele transforma a si mesmo. Assim, o desenvolvimento humano depende da disposição racional da humanidade para tal. Depende de que o homem atente para as finalidades da natureza e, sobretudo, ocupe-se do desenvolvimento da humanidade para que as próximas gerações se tornem mais hábeis e, principalmente, mais desenvolvidas moralmente. Isso significa um empenho em conduzir a posteridade a um grau mais elevado de humanidade, ou de retidão moral, do que aquele já atingido.

.ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Vivemos em uma época em que o conceito de educação e formação humana é, de modo geral, tomado como algo pacífico (com exceção, talvez, das pessoas que procuram aprofundar seus conhecimentos acerca dessa questão) e, de modo geral, a educação formal é tratada, na prática, como coisa de pouca importância. Muitos dos que tomam a seu cargo o processo educativo revelam uma total falta de criticidade acerca daquilo que fazem, e parecem não perceberem algumas consequências facilmente perceptíveis de certos modos de se tratar as crianças e os educandos de modo geral. Há também um flagrante descompasso entre os discursos e a prática de muitos profissionais da educação e, principalmente dos gestores públicos, no que se relaciona com esse assunto. Por esses e outros motivos, o pensamento de Kant mostra-se atual, pois embora tenham se passado mais de duzentos anos desde que seus textos



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

foram escritos, a educação, mormente, não é tomada com a devida seriedade.

Mesmo que não aceitemos a visão kantiana acerca da formação humana, seus escritos ainda servem para provocar uma reflexão acerca da nossa existência, o que somos, e por que fomos criados com as características peculiares dos seres humanos. O fato de que pouco parece ter mudado desde a época de Kant em relação à política, à educação e, principalmente, à moralidade dos seres humanos em geral, não é prova de que Kant estivesse errado, pois sua perspectiva é uma perspectiva de muito longo prazo e ele mesmo deu a entender que seu *quiliasmo filosófico* é coisa para se esperar para daqui a muitos séculos.

Kant entendia a formação humana como um processo histórico que perpassando, necessariamente, pelo convívio social, parte importante da formação humana, desenvolveria todas as potencialidades do homem, inclusive a moralidade, levando os indivíduos à autonomia, que ele compreendia ser a plena obediência aos ditames da razão. Ele acreditava que o homem civilizado não é mais o homem natural, pois esse, longe de ser um homem bom, como se poderia acreditar, era um bruto e ficou para trás há muito tempo. Para ele, essa é uma etapa da história humana já superada. Ao longo da história, o homem natural cedeu lugar ao homem civilizado, e a civilidade tornou-se uma espécie de segunda natureza humana.

Na perspectiva kantiana, a corrupção do homem pela sociedade é a corrupção do homem por um determinado tipo de educação, pois a sociedade educa direta e indiretamente. O homem deve boa parte de sua cultura à sociedade na qual vive, pois está constantemente sendo educado por ela. Se ele não lançar mão de suas capacidades cognitivas para resguardar-se e desenvolver-se, ou mais especificamente, se ele não raciocinar acerca de suas ações, será totalmente moldado pela sociedade,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

não desenvolverá sua personalidade e não se tornará autônomo, características às quais está naturalmente inclinado. Nesse sentido, pode-se entender que a estrutura mental dos indivíduos reflete o tipo de estrutura social na qual estão inseridos. É por isso que Kant salientava a importância do convívio social; pois acreditava que um meio social humano, com estímulos humanos, é condição necessária para que o indivíduo desenvolva uma mentalidade humana. Assim sendo, as potencialidades humanas só podem se desenvolver quando o indivíduo vive em uma sociedade humana.

Kant deu a conhecer ao mundo por meio de suas obras como ele entendia o desenvolvimento humano ao longo da história, e o papel preponderante que a educação ocupa nesse desenrolar. Sua proposta não é que a educação deva preocupar-se apenas com a efetivação dessa ideia e buscar somente seu advento, mas deve também visar ao bem estar dos homens no presente, buscando livrá-los de seus problemas imediatos sem, contudo, perder de vista essa finalidade maior que é viver de acordo com sua natureza, ou seja, não resistir ou desprezar aquilo que está posto, de modo intrínseco, na natureza humana e cooperar da melhor forma possível no desenvolvimento das potencialidades que pertencem naturalmente a todos os homens. Nessa perspectiva, o ser humano não pode acomodar-se a sua situação atual, por mais cômoda ou confortável que ela seja, ele deve desenvolver-se plenamente; doutro modo viverá sem sequer conhecer plenamente a si mesmo.

A proposição de Kant de que a moralidade só pode ser desenvolvida na espécie humana, e não individualmente, precisa ser entendida como uma proposição que afirma que a moralidade individual precisa do desenvolvimento de outras potencialidades naturais que vem sendo desenvolvidas, ao longo da história, nos indivíduos que fazem parte da espécie humana, em conjunto. A *espécie*, em si, é



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

apenas um conceito; ela não é um ser sensível, ou um ser racional, nem um agente moral. Estritamente falando, não é a espécie que pode se tornar moral, mas seus membros. Os agentes morais são as pessoas, os indivíduos pertencentes à espécie, e são estes que devem aprender a agir segundo os ditames da sua própria inteligência, os preceitos ou princípios da razão. Um caminho foi apontado por Kant: a educação com vistas ao desenvolvimento moral das pessoas. Esta não é apenas responsabilidade de pedagogos e educadores profissionais, ou do homem como espécie, mas de cada um individualmente, tanto em relação aos outros quanto em relação a si mesmo. Essa responsabilidade, embora seja, também, uma responsabilidade para com o futuro da espécie, não é uma responsabilidade futura, é antes, uma responsabilidade atual. É uma responsabilidade para com a espécie, mas acima de tudo, uma responsabilidade individual para consigo.

REFERÊNCIAS

KANT, Immanuel. *Kants Werke. Akademie Textausgabe*. Berlin: Walter de Gruyter & Co, 1968.

_____. **Crítica da Faculdade do Juízo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008b [1790].

_____. **Sobre a Pedagogia**. Piracicaba: UNIMEP, 2006 [1803].

_____. **Resposta à Pergunta: O que é o Iluminismo?**. Lisboa: 1995 [1784]. Disponível em: <www.lusosofia.net/textos/kant_o_iluminismo_1784.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2015.

_____. **Ideia de Uma História Universal de Um Ponto de Vista Cosmopolita**. São Paulo: Brasiliense, 1986 [1784].



$\text{I}\Phi$ -Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

_____. **O Que Significa Orientar-se no Pensamento?**. Lisboa, 1995b [1786].

Disponível

em:

<http://www.lusosofia.net/textos/kant_que_significa_orientar_se_no_pensamento__1786_.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2015.

LEBRUN, Gerald. "Uma Escatologia Para a Moral" In **Ideia de Uma História Universal de Um Ponto de Vista Cosmopolita**. p. 75-101. Trad. Rodrigo Naves e Ricardo R. Terra. São Paulo: Brasiliense, 1986.